



*Martírio:*  
*Profecia e*  
*Resistência*

**Dia Nacional de Formação**  
**Comissão Pastoral da Terra**  
**Regional Goiás / 2009.**

## DEDICATÓRIA

MARTÍRIO: MEMÓRIA, PROFECIA E RESISTÊNCIA.

Esta cartilha é dedicada a todos e todas que ouviram atentamente o chamado de Deus e se colocaram a serviço da construção do reino enfrentando a brutalidade e a covardia dos “anti-Reinos”.

Comissão Pastoral da Terra - Regional Goiás  
GOIÂNIA, JUNHO DE 2009.

## SUMARIO

DEDICATÓRIA .....	02
MISSÃO DA CPT .....	04
DIA NACIONAL DE FORMAÇÃO .....	05
CPT CONVERSA COM A CULTURA CAMPONESA.....	06
PREPARANDO PARA TRABALHAR O SUBSÍDIO .....	09
UMA ESPIRITUALIDADE NECESSÁRIA.....	10
CONCLUSÃO.....	25
O MARTÍRIO COMO CONSEQUENCIA DA RESISTÊNCIA .....	26
REFLEXÃO SOBRE O SUBSÍDIO .....	29
OS MÁRTIRES DO ESTADO DE GOIÁS .....	31
CELEBRAÇÃO DOS MÁRTIRES.....	43
POESIA .....	45
BIBLIOGRAFIA .....	46

## MISSÃO DA CPT

- ❖ Convocada pela memória subversiva do evangelho da vida e da esperança,
- ❖ Fiel ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra e da água,  
A CPT quer ser uma presença solidária, profética, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo.  
A CPT reafirma seu caráter pastoral e retoma, com novo vigor, o trabalho de base junto aos povos da terra e das águas, como convivência, promoção, apoio, acompanhamento e assessoria:
  - ❖ Nos seus processos coletivos:  
de conquistas dos direitos e da terra, de resistência na terra;  
de produção sustentável (familiar, ecológica, apropriada as diversidades regionais);
  - ❖ Nos seus processos de formação integral e permanente:  
a partir das experiências e no esforço de sistematizá-las;  
com forte acento nas motivações e valores, na mística e espiritualidade;  
na divulgação de suas vitórias e no combate das injustiças:  
sempre contribuindo para articular as iniciativas dos povos da terra e das águas;

e buscando envolvimento de toda a comunidade cristã e a sociedade, na luta pela terra e na ter

NO RUMO DA “TERRA SEM MALES”.

### **DIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.**

Aos Companheiros e Companheiras, a todos e todas que fazem a CPT em Goiás.

Junho é um mês muito significativo para todos e todas que de uma forma ou de outra expressam, trabalham e revigoram o mundo do conhecimento a partir da cultura popular, raízes de todos os saberes. Junho é o mês das Festas populares; mês da alegria, da vida em Comunidade aconchegada pelas bebidas e comidas típicas; mês do amor onde tantos corações se encontram e tantas vidas se comprometem continuar o plano da vida criada por Deus. Junho é o mês que se pensa e cria alternativas para uma nova convivência com a natureza: terra, florestas, animais, água... Junho é um mês muito pequeno para aproveitarmos de tudo um pouco. Mas, como as coisas boas se atraem, ainda temos mais um motivo para nos unir e celebrar no mês de junho. O dia 22 é o dia que nasceu nossa CPT, uma filha concebida e gestada num período de muitas incertezas e dores. Nasceu ameaçada, mas muito sadia e disposta para encarar a vida, por isso cresceu, deu frutos e, aos 34 anos continua vigorosa e disposta a continuar enfrentando os desafios de defender a vida em primeiro lugar.

Com todo esse recheio, do mês de junho e das histórias da nossa CPT, é que estamos, mas uma vez motivando as nossas Equipes para que façam acontecer o DIA NACIONAL DE FORMAÇÃO.

O dia principal é 22, mas podemos nos organizar de acordo com nossa realidade. Sugerimos realizar os trabalhos de junho a setembro. O importante é que possamos criar as condições necessárias para realizarmos alegres e bons encontros sem nos esquecermos de fazer o registro histórico da pastoral, afinal precisamos cuidar bem da nossa memória cultural. Todos (as) já sabem, entretanto é sempre bom lembrar, o dia é de estudo, reflexão e também de festa, afinal em junho não dá para não pensar em fazer festa!

Abraço fraterno da Coordenação do Regional

### **CPT conversa com a Cultura Camponesa**

A CPT Regional Goiás, há sete anos vem trabalhando a temática da Cultura Camponesa, enfocando a história dos Camponeses do Estado de Goiás. Para comemorarmos o Dia Nacional de Formação da CPT, buscamos na literatura regional, nos contos, poemas, enfim na historiografia as expressões de luta e resistência camponesa.

A cada ano refletimos sobre as lutas, as conquistas e a caminhada dos povos do campo em Goiás. Neste ano estaremos estudando a história daqueles que se colocaram plenamente a serviço da construção do reino

de Deus aqui na terra, doando inclusive o seu bem mais precioso: a vida.

Dedicaremos o nosso tempo a refletir sobre os mártires da caminhada na busca da terra prometida. Uma história recheada de muita coragem, doação, de muitos sonhos e também de muita perseguição e dor.

Ao longo dos tempos, sempre tivemos mártires que perderam sua vida por suas convicções religiosas, pela liberdade de seu povo, ou mesmo ofereceram-na para salvar a vida de outras pessoas. Recentemente, surgiram também aqueles que arriscam suas vidas em favor da ecologia, do jardim de Deus.

Numa sociedade carente de gestos proféticos, cada vez mais, alienadas e resignadas e sem convicções mais profundas, recordar a vida dessas pessoas contribui para iluminar a caminhada de fé das nossas comunidades e porque não da nossa Igreja.

Falar em martírio é falar de uma espiritualidade última. No Evangelho de Lucas, no capítulo 12, Jesus pede para os apóstolos não terem medo dos que matam o corpo, pois depois de matar, nada mais poderão fazer. Diz que é preciso ter medo daquilo que mata a alma e nos leva para o inferno. Neste sentido ele encoraja os discípulos a perseverarem “firmes como quem vê o invisível” (Hb 11,27), e desafia os poderosos, os que contratam pistoleiros e jagunços, que são capazes em suas vidas materialistas de eliminar o corpo, porém, com efeito, suas almas já estão sacrificadas e condenadas a queimarem no fogo, o fogo eterno da segunda morte.

A escolha do tema foi proposto pelo coletivo regional de formação da CPT e está contido no plano

regional de formação 2008-2011, pois a CPT tem no martírio a sua semente germinal.

Para nós cristãos, os mártires não morrem jamais, são imortalizados, pois eles regam com seu próprio sangue a semente da indignação e da busca pela justiça, neste sentido cabe aos que perseveram na crença que um mundo melhor é possível, cuidar para que as sementes lançadas na terra de Deus pelos Nativos, Josimos, Rosas da Paz, Vilmares, Tarcisos, Chicos Mendes, Dorothys, Florianos, Chicãos... continuem se espalhando e fazendo brotar cidadãos no mais fiel significado da palavra. Que a vida, o testemunho e o martírio dos nossos Irmãos que foram imolados como cordeiros pascais, sirva-nos de fermento para a continuidade da luta pela terra prometida, a terra onde corre leite e mel.

É com o entendimento de que é preciso manter viva a chama acesa pelos nossos Irmãos, que doaram a vida contra às injustiças do poder opressor e buscando continuar a caminhada iniciadas por estes, que apresentamos este subsídio para que sirva de fermento e lança, aos que pretendem uma fé encarnada na vida.

**OBS:** O Subsídio traz inicialmente um capítulo do Livro de Jon Sobrino intitulado: Espiritualidade da Libertação (Teologia da Libertação), editado pelas Edições Loyola e lançado no ano de 1992. O capítulo traz o título: Uma espiritualidade necessária e enfoca dois elementos de uma elevada espiritualidade e compromisso com a causa do reino: A perseguição e o martírio. Para ele os que se colocam contra as injustiças e pregam o reino de Deus sem se esquivarem, certamente serão perseguidos e ou

martirizados. Em um segundo momento, apresentamos um texto do Antonio Baiano: Martírio como sinal de resistência, e neste texto ele de forma muito iluminada, sintetiza várias passagens bíblicas sobre martírio, no Velho e Novo Testamento.

### **PREPARANDO PARA TRABALHAR O SUBSÍDIO**

- Preparar um encontro bem celebrativo utilizando elementos que retratem o tema: fotos dos mártires, instrumentos característicos, um mantra pra intronizar (recolher-se internamente);
- Os coordenadores deverão preparar a forma de leitura, reflexão e debate buscando formas criativas de vivenciar e partilhar o momento. É bom que tenha presente a Bíblia Sagrada para pesquisar os textos e as leituras complementares.
- Motivar a participação de todos e todas nos debates e reflexões e anotar as expressões de cada intervenção participativa de membros do grupo;
- Ao final elaborar um relato (síntese) do resultado do trabalho.

### **UMA ESPIRITUALIDADE NECESSÁRIA**

**Jon Sobrino**

Por espiritualidade da perseguição e do martírio entendemos o espírito com que se deve viver ambas as realidades para que estas possam ser enfrentadas em sua dificuldade e para que, cristãmente vividas, possam gerar novos frutos de vida cristã. Antes de desenvolver o tema, permitimo-nos fazer alguns comentários e esclarecimentos prévios.

Neste trabalho concentramo-nos no espírito do sujeito (INDIVÍDUO OU GRUPAL), isto é, nas atividades e virtudes subjetivas que permitem enfrentar com lucidez e fortaleza a perseguição e o martírio e fazer com que ambos frutifiquem cristãmente. Embora mencionando-a, não analisamos a realidade objetiva da perseguição e do martírio.

Quando falamos de espírito, nos referimos, certamente, ao espírito cristão, que em suas linhas gerais já é conhecido com anterioridade à perseguição e ao

martírio, mas que alcança sua plenitude, enquanto cristão, precisamente em ambas as realidades; vai sendo conhecido à medida que se vai realizando.

Embora o espírito seja realidade do sujeito, aquele está relacionado com a realidade objetiva da perseguição e do martírio. A espiritualidade, por conseguinte, tanto em seus conteúdos como em sua intensidade, não é totalmente autônoma ou intencional, mas desenvolve-se em estreita relação com seu objeto real.

Consideramos a perseguição e o martírio em unidade. O martírio não é visto como algo pontual, mas como culminação da perseguição, e a perseguição é vista como preparação e modo incipiente de martírio. Daqui em diante falaremos da espiritualidade da perseguição.

Ao falar da perseguição nos referimos diretamente ao ocorrido na América central nos últimos anos, mas que foi e continua sendo uma realidade em muitas outras partes da América Latina e do Terceiro Mundo. Com isto nos referimos somente a um tipo de perseguição, mas que é importante, generalizando e – em nossa opinião – o que mais se assemelha à perseguição a Jesus.

Feitos estes esclarecimentos, a primeira coisa que se deve afirmar da espiritualidade da perseguição, é que se trata de uma necessidade não apenas porque deste modo, em princípio, o afirma o Novo Testamento, mas porque de fato, existe a perseguição como fato maciço e suas causas históricas continuam existindo.

1.1- O quadro apresentado no começo deste artigo fala por si só. Se a ele acrescentamos os sacerdotes, religiosos e religiosos, catequistas e delegados da palavra e simples fiéis cristãos que foram ameaçados, difamados, expulsos, encarcerados e torturados; os templos, residência privada, oficinas tipográficas, livrarias, colégios, cúrias vasculhados, metralhados, dinamitados e saqueados, então a perseguição e o martírio aparecem como uma realidade massiva e cruel, seletiva e ao mesmo tempo generalizada nos últimos anos. Além disso, estes fatos não se explicam adequadamente só pela deformação ou maldade dos perseguidores, mas têm suas causas estruturais que os tornam também necessários. Uma Igreja fiel aos impulsos do Vaticano II e, sobretudo, de Medellín, não demorou a ser vista como uma ameaça aos interesses dos poderosos, porque:

Essa Igreja denunciou a injustiça estrutural e a violência institucionalizada, e desmascarou – e deste modo deslegitimou religiosamente – os princípios econômicos, sociais e políticos vigentes; Essa Igreja defendeu as esperanças dos pobres em sua libertação e os defendeu e animou a organizarem-se para conseguí-la. Os poderosos tentaram por diversos meios neutralizar essa Igreja ou convencê-la de seu erro, fazendo-a voltar a uma missão mais espiritualizada e defensora do mundo ocidental e de seus valores religiosos ou propiciando a proliferação de movimentos religiosos alienantes. Mas, quando isto não teve efeito, então pretenderam

simplesmente eliminar essa Igreja. Daí por que a perseguição não assumiu em geral a forma de medidas legais contra a Igreja como instituição – é preciso não se opor frontalmente a ela – mas a forma de medidas fáticas contra seus membros, o que permite, ademais, negar que exista perseguição, se a Igreja não quer deixar de ser – coisa que nunca dirá- a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Assim o afirmaram Romero e dom Rivera em El Salvador e muitos outros bispos; assim o afirmaram, sobretudo, os próprios cristãos perseguidos. Puebla fala também de “perseguições e mortes” – pressupostas como algo de bom e provenientes da verdadeira missão da Igreja – e aduz como causas históricas “o testemunho da missão profética, a defesa da dignidade humana, os compromissos concretos com os pobres”. A raiz última da perseguição reside na solidariedade com os pobres – que são os primeiros e mais duramente perseguidos - que leva à participar de seu destino. Assim o disse dom Romero:

“A verdadeira perseguição se dirigiu contra o povo pobre, que hoje é o corpo de Cristo na história. Eles são o povo crucificado como Jesus, o povo perseguido como servo de Javé. Eles são os que completam em seu corpo o que falta à Paixão de Cristo. E, por esta razão, quando a Igreja se organizou e unificou-se, acolhendo as esperanças e as angústias dos pobres, teve a mesma sorte

que Jesus e os pobres.” (Discurso de Lovaina, 2 de fevereiro de 1980).

A par da atual necessidade histórica da perseguição deve-se considerar sua necessidade teológica *a priori*, tal qual como já aparece no Novo Testamento. No primeiro escrito do Novo Testamento, Paulo assim fala aos atribulados cristãos:

“Sofrestes, por parte dos vossos concidadãos, as mesmas perseguições que as Igrejas sofreram por parte dos judeus. Estes foram os que mataram o Senhor Jesus e os profetas e nos perseguiram... Bem sabeis que esta é a parte que nos cabe. Enquanto ainda estávamos entre vós, já vos preveníamos de que teríamos de sofrer tribulações. Foi o que aconteceu, como vós sabeis” (1 Ts 2,14s;3,2s).

Logo ficou estabelecida a necessidade da perseguição e, além disso, ficou estabelecida - e com isso radicalmente - a partir do destino de Jesus. Os cristãos serão perseguidos, pois “nenhum discípulo está acima do mestre” (Mt 10,24), “Se a mim perseguiram, perseguirão também a vós” (Jo, 15,20). Afirma-se com isto, que a fidelidade a Cristo produz a perseguição; o que quer dizer que no próprio Cristo existe uma conflitualidade também no presente, que o conflito não só foi o destino histórico de Jesus, mas que continua provocando Cristo depois de sua ressurreição. Em

breves palavras universalizou-se a conflitualidade de Cristo como “sinal de contradição” (Lc 2,34), com o que os cristãos não se surpreenderam, pelo menos, com suas perseguições e encontraram a chave teológica para compreendê-las “por causa de Cristo”.

Mas esta universalização da raiz da perseguição, o conflito que o próprio Cristo provoca, não pode levar a ignorar o que originou a perseguição concreta de Jesus nem subestimar, portanto, as perseguições atuais que têm a mesma origem. Jesus foi perseguido pelo anúncio de uma boa nova e pelo serviço em prol de sua realização, o que o levou às controvérsias, denúncias, desmascaramentos e anátemas (reprovações) contra os poderosos e, decididamente, a ser justificado. Daí a razão por que a primeira interpretação histórica de sua morte (Antes de outras teologizações mais universalizantes) foi feita a partir do destino dos profetas (1 Ts 2,14); e daí também porque a própria perseguição aos cristãos foi interpretada a partir dos profetas (Mt 5,12). A perseguição foi vista com base na prática de Jesus em favor do reino e sua necessidade foi encarada na violência que a esse reino movem os anti-reinos deste mundo.

O que se disse até agora mostra que a perseguição é um fato generalizado, atual e que suas raízes históricas, ainda persistentes, a tornam necessária, se a Igreja e os cristãos querem tornar realidade sua missão como fidelidade ao seguimento de Jesus e em solidariedade

com os pobres. Daí se deduzem alguns importantes elementos da espiritualidade da perseguição, de certo modo prévios ao espírito com que é preciso viver a perseguição em si mesma.

a) Dado o fato e as raízes da perseguição, sua espiritualidade é em primeiro lugar necessária e não optativa, pois a exige em princípio o Novo Testamento, e *a posteriori* a exige a realidade exposta: é real e não intencional (como pôde ser prática de almas piedosas), pois não se trata de um desejo sem projeto verossímil, mas de responder a uma realidade objetiva, desejada ou não.

Cabe a esta espiritualidade compreender a perseguição como algo importante, central e globalizante. Portanto, esta espiritualidade não é regional, como se afetasse uma entre várias realidades, mas central, porque afeta o central da história e da fé do cristão: e globalizante, porque configura a espiritualidade de outras áreas da vida. É importante porque afeta o núcleo cristão da santidade, não porque se procure a perseguição para a própria santidade, mas porque acontece devido à solidariedade com os pobres e para seu bem.

Com estas reflexões só queremos fazer uma afirmação fundamental: a espiritualidade da perseguição é uma exigência da própria realidade, e por isso a essa espiritualidade cabe a disponibilidade para a perseguição.

## 2. Uma espiritualidade teologal.

Qualquer tipo de espiritualidade deve ser em última instância teologal, porque qualquer realidade que possa e deva ser vivida com espírito pode e deve relacionar-se com Deus. Ao falar da espiritualidade da perseguição, todavia, dizemos que ela é teologal num sentido mais preciso. Pela mesma realidade do objeto sobre o qual conversa, o homem se vê mais diretamente em confronto com Deus.

A) no que este tem ultimidade e - B) no que nele há de paradoxo e escândalo, embora, uma vez superados este, se confronte também com o propósito de Deus, sua bondade e amor. Com isto queremos dizer que para a espiritualidade da perseguição lhe é essencial a realização das três virtudes teologais: fé, esperança e amor. Estas são exigidas para perseverar na perseguição e a perseguição vivida com espírito as potencia.

2.1- Por sua própria natureza, a perseguição e o martírio confrontam o homem com a vida e a morte próprias, com a morte e as esperanças de vida dos outros: com o que se vê confrontado com coisas verdadeiramente últimas. Mas, além disso, na realidade concreta da perseguição e martírio, o homem se vê confrontado com o paradoxo de que para dar vida é preciso dar da própria vida e até a própria vida; e com o escândalo de que,

frequentemente, ao dar a vida não gera sem mais nem menos a vida para os outros e, mais radicalmente, que algo falta ao justo. A chamada pergunta pelo último, por Deus, pelo sentido da vida e da história, impõe-se por si mesma sem necessidade de ser induzida nem reduzida à pergunta por Deus e pelo último que o próprio homem é pelo simples fato de ser criatura. E impõe-se também por si mesma a pergunta pelo modo correto da maneira de relacionar-se com Deus e com o último. Da radicalidade das perguntas se deduz também que as respostas possuem uma radicalidade especial.

Insistindo agora no que há de paradoxal e escandaloso na ultimidade cristã de Deus, cumpre recordar afirmações fundamentais do Novo Testamento com as quais necessariamente se confrontam a perseguição e o martírio. No Novo Testamento afirma-se sobre o homem que é feliz o pobre, o que chora, o perseguido; que na fraqueza está a força, que a esperança é contra-esperança; que quem quiser ganhar a vida deve estar disposto a perdê-la. Sobre Cristo se diz que foi constituído Senhor mediante o sofrimento; que salvou o mundo com o padecimento da sorte do servo, que na cruz ouviu o silêncio do Pai. De Deus se diz que esteve na cruz, entregando o filho, e que somente no final (isto é, ainda não) será tudo em todos.

Poderíamos continuar citando frases do Novo Testamento que, se não são as únicas, são, certamente,

centrais, e sem as quais a fé cristã perderia parte de sua originalidade específica; seja como for, são as que ressoam com força numa situação de perseguição e martírio e diante delas urge que nos posicionemos. É certo que o cristão já possui a fé e pode aceitá-las de antemão como verdadeiras; e é compreensível que o cristão imerso na perseguição as complete com outras afirmações sobre o poder de Deus que se manifestou na ressurreição, para que a injustiça e a morte não apareçam como desprovidas de sentido, pois levam à justiça e à vida. Mas nada disso subtrai perspicácia e viveza a essas frases questionadoras. Historicamente, porque a experiência ensina que nem sempre a vida segue a morte. E, teologicamente, porque a fé prévia à perseguição pode ser verdadeira e totalizante, incluindo já, portanto, os elementos de resposta às perguntas; trata-se, porém, de uma fé genérica com relação à fé concreta que a perseguição exigirá e, não importa como seja, porque ainda não passou o que na perseguição existe de prova para a fé. É mediante a perseguição e o martírio que vai se concretizando, e tornando-se assim real, a fé (ou a descrença), que se vai respondendo positiva (ou negativamente), às perguntas últimas dos homens pelo sentido da história, de sua vida e de Deus. Por isso, a fé é também vitória, o que chega a ser através de uma prova. Seja como for, as respostas que se exigem são teológicas, positiva ou negativamente: E são na verdade totalizantes porque, pela própria natureza da

perseguição e do martírio, a entrega que exigem - se a resposta é positiva - não é somente o *sacrificium intellectus*, mas o *sacrificium vitae*.

2.2- Podem ser variadas as respostas à ultimidade com que a perseguição se confronta. Pode aparecer a resignação, a desesperança, o cinismo ou, por outro lado, a busca de um otimismo científico que acredita ter encontrado a dialética infalível para que da morte surja a vida. Pode aparecer também o *carpe diem*, o “comamos e bebamos, que amanhã morreremos” ou qualquer versão do epicurismo. Mas agora queremos analisar a resposta crente. A primeira coisa que se deve dizer dela, é que sua racionalidade não é prévia à resposta, mas que no fato de responder se constitui como resposta e assim afirma sua verdade. Aceitar a perseguição e o martírio como algo bom é anterior à formulação de sua racionalidade. Por isso, muitas vezes se pode formular essa aceitação na linguagem da teologia negativa, afirmando simplesmente que “não pode ser outra maneira”. No fundo, essa é a argumentação de Pedro quando se dirige aos cristãos perseguidos, embora na totalidade do parágrafo haja também teologia positiva.

“E quem vos poderia fazer mal, se procurastes zelosamente o bem? Entretanto, felizes de vós, se padecerdes por causa da justiça! Não temais as suas ameaças. E nem vos perturbeis...prontos sempre a defender-vos contra quantos exigirem justificativas da

esperança que há em vós...De fato, é preferível sofrer fazendo o bem..." (1Pd 3,13-17).

Expressa-se, desta forma, que, em última análise e apesar de tudo, melhor é dar a vida que guardá-la para si; que a pessoa é mais fiel à realidade objetiva e à própria consciência subjetiva, se aceita a perseguição em vez de fugir dela. Para esse "não pode ser de outra maneira", para esses homens que fazem o bem e praticam a justiça, embora por isso padeçam e, não obstante, conservam a paciência, não existe ulterior justificação. Mas a inexistência de uma ulterior justificação não se deve somente ao fato de que o homem não sabe encontrá-la, mas porque o homem atingiu o fundo da realidade e relacionou-se com a realidade de Deus. Ao afirmar que não pode ser de outra maneira, afirma-se a ultimidade do amor, da esperança e da fé. Viver com espírito a perseguição e o martírio é dar absoluta supremacia ao amor, provado na própria perseguição, mas declarado também por isso como algo absolutamente supremo. Esse amor, além dos desejos e dos cálculos, realizados ou malogrados, é o que gera a esperança de que, apesar de tudo e contra tudo, o futuro é bem-aventurança. É com esse amor e essa esperança que o homem caminha pela história, fazendo a experiência de que com eles se abre o caminho, porém ao mesmo tempo caminhando rumo a um lugar cuja posse não se detém. Isso é precisamente a entrega da fé.

Amor, esperança e fé são realidades últimas dos homens e, por isso, exigidas quando a perseguição e o martírio os confronta com o último. Por serem últimas, porém, são também mediações da correta relação do homem com Deus, são teologais. Com esse amor, corresponde-se à última realidade amorosa e salvadora de Deus, com essa esperança aceita-se o futuro de Deus, com essa fé se respeita o-ser-Deus de Deus. Neste sentido afirmamos que a espiritualidade da perseguição é teologal. Por serem realidades em que aparece o último de forma escandalosa e paradoxal, a perseguição e o martírio só podem ser enfrentados com uma espiritualidade teologal. E ambas as coisas, por sua vez, possibilitam a realidade e o crescimento da relação teologal do homem com Deus.

### **3.Uma espiritualidade frutífera**

Ao mencionar a honradez para com a verdade, o amor, a esperança e a fé, já citamos a presença de espírito na perseguição e, além disso, a presença fundamental. Permitimo-nos agora descrever algumas manifestações mais concretas desse espírito que aparecem dialeticamente como exigidas e possibilitadas pela perseguição. Não argumentaremos *a priori*, mas narraremos simplesmente o que ocorreu em El Salvador quando se viveu a perseguição com espírito. Para ilustrar isso, começaremos com algumas citações de dom

Romero, embora pudessem ser aduzidas muitíssimas mais dele mesmo e de outros cristãos. Com esta descrição e com aquilo que foi dito anteriormente, poder-se-á lograr uma visão da espiritualidade da perseguição.

#### **a)- Espírito de fortaleza**

“Com este povo não custa ser bom pastor. É um povo que impele a seu serviço os que temos sido chamados para defender seus direitos e para ser sua voz”(18.11.1979).

“Quero garantir a vós e peço-vos orações para ser fiel a esta promessa, que não abandonarei meu povo, mas correrei com ele todos os riscos que meu mistério exige”(11.11.1979).

É evidente que a perseguição exige fortaleza não só para cumprir os duros trabalhos do Evangelho, mas para cumprir-los no meio de uma dureza crescente e ameaçadora em que o cristão pode perder a própria vida. A fonte desta fortaleza não é outra senão a atitude teologal anteriormente descrita; e, sem dúvida, o é exemplo de Jesus e de muitos outros mártires. Mas referimo-nos agora à fonte histórica dessa fortaleza, devido ao fato de que a perseguição se origina porque o cristão está com os pobres e a favor deles. Essa fonte é a proximidade com os pobres.

Na aproximação com os pobres e na participação em seu destino o cristão experimenta um grande consolo que, teologicamente, pode ser descrito como o ter-se encontrado consigo mesmo simplesmente como homem. Participar no destino dos pobres faz com que o cristão

readquira a sua dignidade humana escondida ou desfigurada no chamado homem moderno competitivo e consumista. Paradoxalmente é a perseguição que faz com que o cristão descubra o que é a verdadeira humanidade e o faz participar dela; faz com que ele se sinta verdadeiro cidadão do mundo dos homens. Este descobrimento, paradoxalmente gozoso, não é de pouca relevância, pois ele tem a virtude de centrar o sentido da vida do cristão de mantê-lo no lugar onde principiou a saber quem era.

Por outro lado, nessa aproximação dos pobres, estes vêem um sacramento da proximidade de Deus, a qual gera uma responsabilidade cristã e eclesial para com eles. Talvez sem sabê-lo inicialmente e sem pretendê-lo, os cristãos sentem com muita seriedade a responsabilidade de estar aí, entre os pobres, de não abandoná-los, apesar do que isto possa custar. Se nesses momentos se retirassem, ouviriam a aterradora frase bíblica: “ Por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado”. E positivamente, sentem também que a presença mantida entre os pobres é o que em última análise dará credibilidade à Igreja e, mais profundamente, à própria fé, no meio de outras instâncias que se apresentam como salvíficas. O que os cristãos intuem é que na proximidade (ou distanciamento) dos pobres está sendo decidido o futuro da fé.

Fortaleza na perseguição pode ser traduzida como “não abandonar os pobres em seus sofrimentos”, e esses mesmos pobres – pelo que dão e pelo que exigem – propiciam a força para perseverar na perseguição.

### **b) Espírito de empobrecimento**

“A mim cabe ir recolhendo atropelos, cadáveres e tudo isso que a perseguição vai deixando”(19.6.1977).

“ No dia em que as forças do mal nos deixarem sem esta maravilha(a rádio) de que eles dispõem em abundância, e da Igreja regatearem até o último, saibamos que nada de mal nos fizeram”(27.1.1980).

(...)

### **c) Espírito de alegria:**

“Alegro-me irmãos, com o fato de nossa Igreja ser perseguida precisamente por sua opção preferencial pelos pobres e tratar de encarnar-se no interesse dos pobres” (15-7-1979).

“Irmãos que linda experiência é tratar de seguir um pouquinho a Cristo e, em troca disso receber no mundo a enxurrada de insultos, discrepâncias e calúnias, perder as amizades e ser tidos por suspeitos! “ (8.7.1979).

“ Um cristão deve sempre alentar em seu coração a plenitude da alegria. Façam a experiência, irmãos. Eu tratei de fazê-la muitas vezes e nas horas mais amargas das situações, quando mais cobravam forças a calúnia e a perseguição. Unir-se intimamente a Cristo, o amigo, e sentir uma doçura que as alegrias da terra não podem dar. A alegria de sentir-se íntimo de Deus, mesmo quando o homem não compreende a gente. É a alegria mais profunda que pode causar no coração” (20.5.1979).

A perseguição é uma bem-aventurança. Alegrai-vos e regozijai-vos “ (Mt 5,11), “alegrai-vos nesse dia e exultai” (Lc 6,22), diz Jesus aos perseguidos. Palavras paradoxais, mas que são verdades. Em Mateus e em Lucas justifica-se essa alegria com a grande recompensa nos céus. Mas a alegria já está, ademais, presente.

Trata-se, por um lado, de serena alegria de saber-se na verdade, de parecer-se com Jesus, de estar numa Igreja verdadeira, de ter- finalmente - entendido que se trata na fé, de saber - se homem e cidadão deste mundo sem ter de abdicar dele para ser cristão. Trata-se da serena alegria de ter encontrado o sentido da vida, porque este veio ao nosso encontro e depois, talvez de anos de busca, e trata-se do sereno orgulho de ser cristão, pois, afinal de contas, há algo a oferecer ao mundo, com humildade mas sem complexos, e algo com que colaborar para sua salvação. Mas trata-se também da alegria em si mesma. Da exultação que, naturalmente, não está sempre presente, porém, que não se pode reprimir em alguns momentos. Há alegrias nas missas pelos mártires em que se canta o glória na presença de um cadáver; há alegria ao ver crescer na fé os pequenos e fortalecerem-se os que duvidam, ao experimentar a unidade e a solidariedade; há alegria – cheia de humildade e sem presunção - ao ouvir o agradecimento de outros cristãos e homens de boa vontade que confessam ter recuperado a fé ou o sentido de sua vida na presença dos mártires daqui. Essa alegria experimentada, recebida mais que procurada, é o cem por um do Evangelho, produzida pelo ter encontrado a pérola preciosa, porque o Evangelho se apresentou como o que é, uma boa notícia. Esses cristãos não aparecem nas listas tristes, embora sofram: não podem ouvir a censura de Nietzsche de que não parecem homens salvos. Pelo contrário, surpreendem os de fora, que esperavam vê-los tristes e pesarosos, e eis que os encontram serenos e alegres. E, se não houvesse outra prova dessa alegria, bastaria notar a dor que mostraram

alguns desses cristãos perseguidos, quando tiveram de abandonar o país por força maior. É sinal de que ali está seu coração, porque ali está seu tesouro.

### Conclusão

Isto é, em grandes traços, a espiritualidade da perseguição tal como se mostra na realidade. A perseguição necessita de espírito para ser enfrentada, mas produz também espírito cristão e o mais fundamental desse espírito: como relacionar-se corretamente, teologalmente, com Deus. Sem dúvida, a descrição feita está em termos de ideal, porquanto nem todos possuem esse espírito, nem todos o possuem em igual medida. Mas não é idealista, pois as características descritas não são inventadas, nem poderiam ter sido descritas antes da perseguição real.

O fundamental que a perseguição produziu foi o descentramento dos cristãos e da Igreja. Suas próprias angústias e suas próprias esperanças já não são o centro de seu interesse, mas o são as angústias e esperanças de outros, dos pobres e oprimidos. Em El Salvador, o que dói não é a perseguição à Igreja, mas a enorme e continuada dor do povo. Não se espera que a paz (e as lisonjas) volte a Igreja, mas a paz e a justiça ao povo sofredor. O espírito de “descentramento”, o esquecimento de si mesmo, é a forma correta de corresponder ao Evangelho e a Jesus. Por isso, segundo o paradoxo evangélico, muitos cristãos perseguidos encontraram-se em verdade consigo mesmos e encontraram-se com Deus. Apesar da tragédia, experimentam que “algo nos foi dado”. E quem

experimentou a gratuidade tem força para fé, para a esperança e para a caridade.

### **O MARTÍRIO, COMO CONSEQUÊNCIA DA RESISTÊNCIA**

A história do povo de Deus é recheada de testemunhos e situações extremas onde o fiel, consciente do seu papel na consolidação do Projeto de Deus, se joga por inteiro para vê-lo realizado. As primeiras referências dessa realidade, está no início do livro do Gênesis quando relata a disputa entre os sacrifícios dos irmãos Caim e Abel. O texto afirma que Caim, o assassino, dá origem as cidades. Isso significa que os conflitos sociais se dão a partir da relação campo/cidade.

O livro do Êxodo inicia tratando de uma situação de conflito que envolve os hebreus com o poder do Faraó que comandava o Egito. A escravidão foi a forma encontrada pelo Faraó para martirizar o povo hebreu. Em meio a essa situação, uma voz se levanta. Moisés, que fora salvo de um massacre programado pelo próprio Faraó se rebela e inicia uma luta pela libertação dos empobrecidos. Ele a faz por entender que é o próprio Deus que se manifesta. O Deus dos Hebreus é um Deus que vê, conhece, escuta o clamor e desce para fazer acontecer a libertação. Ex 3,7-14.

É a partir desse fato histórico que toda a trama da história bíblica se desenvolve e dentro dela estão presentes as várias experiências do martírio.

Os profetas são a maior expressão da reação contra o latifúndio, a injustiça e a luxúria das cidades, vinculada ao período da Monarquia em Israel.

A reação dos latifundiários e das instâncias de poder foi assassinar os profetas de Javé. No período pós exílio houveram massacres em defesa da raça pura e também reações de movimentos messiânicos para garantir o direito dos pobres da terra. Um exemplo claro dessa resistência foi a revolta dos Macabeus. Matathias perto de morrer, convoca seus filhos a ter zelo pela lei e os evocam a dar a vida em defesa da aliança e da honra de seus antepassados. Faz essa convocação com base no testemunho dos que foram fieis a sua fé: Moisés, Elias, José...

O livro de Daniel relata a ação do rei Nabucodonosor que dissemina a opressão sobre o povo, mas encontra resistência: relata que três jovens são jogados numa fornalha e que foram socorridos por anjos. No capítulo 7 relata a situação em que se encontrava o povo, acudado pelo poder babilônico, com uma linguagem apocalíptica onde nos faz entender que o império da BESTA, da prepotência poderá até perpetuar por algum tempo, entretanto, será vencida por aqueles que acreditam no senhor da vida. Relata ainda que o Filho do Homem é vencedor e terá poder eterno enquanto que o poder da Besta será temporário.

O Novo Testamento apresenta uma construção da espiritualidade do martírio como forma de resistência. Em Mateus 5 uma das bem-aventuranças afirma: feliz os

que são perseguidos, porque deles é o reino dos céus e exorta a alegrar pois terá grande recompensa no céu. No Evangelho de Lucas 12, Jesus pede para os apóstolos não terem medo dos que matam o corpo, pois depois de matar, nada mais poderão fazer. Diz que é preciso ter medo daquilo que mata a alma e nos faz levar para o inferno.

O relato da ressurreição nos quatro evangelhos vem afirmar que Jesus teve êxito por meio de seu sofrimento, sua morte o conduz para a glória.

Atos dos Apóstolos nos capítulos 6 e 8 nos apresenta o relato do martírio de Estevão onde o martírio e a exaltação são interpretados a partir de uma visão martiriológica. Estevão foi martirizado através de linchamento e testemunha que antes de morrer já está se vendo sentado junto à glória de Deus e com ele o Filho do Homem.

O livro do apocalipse de João termina no cap. 21 dizendo que os fieis vencerão e estarão diante do cordeiro com vestes brancas e palmas nas mãos, enquanto que os covardes, infiéis, corruptos, assassinos imorais, feiticeiros, idólatras e todos os mentirosos, o lugar deles é o inferno, o lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.

Os mártires são mártires não porque assim o querem, mas porque defenderam a justiça, o direito e se colocaram como solidários a causa do Reino. Liberdade, justiça, igualdade, fraternidade e Paz. Não se importando que para isso entregasse inclusive a própria vida, como está escrito em Lucas 9,24 “Aquele que quiser ganhar sua vida deverá perdê-la, porém quem perde a sua vida por causa de mim esse a salvará”.

“O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”  
podemos dizer que o sangue dos mártires é sementeira  
de justiça e de esperança de uma terra sem males.

Antonio Baiano

Membro do movimento de fé e poli

Assessoria do CEBI- GO

Vice Prefeito de Orizona

**Questões relevantes que podem ajudar Na reflexão do  
Subsídio: Martírio: Memória, Profecia e Resistência**

- Você conhece ou pôde vivenciar alguma história de martírio? Pode nos contar?
- No texto Martírio, como consequência da resistência, Baiano cita que do conflito entre os irmãos Abel e Caim surge a disputa campo/cidade. Como podemos explicar esta afirmação de que campo e cidade se conflitavam, se opõem?
- No Evangelho de Lucas, no capítulo 12, Jesus pede para os apóstolos não terem medo dos que matam o corpo, pois depois de matar, nada mais poderão fazer. Diz que é preciso ter medo daquilo que mata a alma e nos leva para o inferno. Como podemos explicar a morte da alma? Vamos refletir um pouco!
- -“A verdadeira perseguição se dirigiu contra o povo pobre, que hoje é o corpo de Cristo na história. Eles são o povo crucificado como Jesus,

o povo perseguido como servo de Javé”. Vamos analisar esta citação de Sobrino. Podemos partilhar agora!

- No texto de Sobrino, o Concílio Vaticano II, seguido das conferências de Medellín e Puebla, passou a ser visto pelos poderosos como uma ameaça. Na verdade o que estes eventos trouxeram de novo à visão e a postura da Igreja Católica?
- Quais as estratégias utilizadas pelos poderosos para neutralizar esta nova visão da Igreja?
- Como é caracterizado o Deus dos Hebreus retratado por Baiano em seu texto? Vamos entender melhor este Deus? Será que este Deus faz tudo sozinho, cabendo a nós apenas esperar seus milagres?
- Na realidade vivida por nossa Igreja no momento atual de pós-modernidade, ela continua fiel a esse modelo de resistência?
- Hoje, como vivenciamos a experiência desses mártires? As lideranças dos grupos, das comunidades, pastorais, das organizações têm mantido firmes nos ideais de luta?
- Trazendo para nossa realidade, sabemos que o sacrifício de nossos Mártires não foram em vão,

vamos lembrar dos frutos produzidos por suas lutas? Podemos começar!

### **OS MÁRTIRES DO ESTADO DE GOIÁS**

Dedicaremos esta parte do subsídio para fazer memória àqueles que dedicaram totalmente suas vidas em prol da causa do próximo e ouviram muito atentamente ao pedido de Javé no alto da montanha, quando da transfiguração de Cristo: “ Este é meu filho amado, em que me comprazo, ouvi-o” (Mt17,1-8). Procuraremos também neste trecho trazer algumas informações a respeito desses ilustres filhos de Deus. Queremos também mostrar a crueldade e a estupidez dos “anti-Reinos” e da grande impunidade que assola este Estado e este país.

Vergonhosamente ninguém está preso pelos crimes praticados e pelas vidas interrompidas, nem mesmo os que foram julgados e condenados pelo júri popular. Entretanto, a justiça de Deus já tem chegado para alguns mesmo neste mundo e outros certamente a encontrarão no dia do juízo final.

### **NATIVO DA NATIVIDADE DE OLIVEIRA**

#### **Biografia**

Nativo da Natividade de Oliveira nasceu em Doresópolis Minas Gerais, no dia 20 de novembro de 1953, filho de Benedito Rodrigues de Oliveira e de Laurita de Oliveira, já em sua infância segundo relatos, ele era um menino diferenciado dos demais, sua forma de brincar, seus brinquedos...( tinha a capacidade de inventá-los) e era admirado por seus colegas.

Em 1961, sua família migra para Goiás e instala-se na fazenda Rainha da Serra, zona rural do Município de Carmo do Rio Verde, (mudou mais quatro vezes dentro da mesma região).

No ano de 1967, quando tinha 14 anos de idade, Nativo perde sua mãe.

Em 1971 conhece Maria de Fátima Marinelle e em 1972 casam-se na Igreja Matriz de Uruana. Desse matrimônio nascem seus dois filhos: Luciene Rodrigues de Oliveira e Eduardo Rodrigues de Oliveira.

Por volta de 1975, Nativo conhece Dom Tomás em uma das celebrações do dia 1º de maio em uma comunidade rural. Dom Tomás reconhece nele a capacidade de liderança e o desejo de uma sociedade mais justa para todos e o convence a participar do movimento sindical. Assumindo a luta ele ajuda na fundação do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruana, no formato desejado, onde os trabalhadores rurais eram quem comandavam o Sindicato.

Em 1979 já em Carmo do Rio Verde, juntamente com Adão Rosa, lançam chapa de oposição no Sindicato

dos Trabalhadores Rurais do município, na época tido como “Sindicato Pelego” (sinônimo de traidores dos trabalhadores e aliados do governo e dos patrões). Sem experiência e desestruturados, sua Chapa de oposição sindical é derrotada. Entretanto, Nativo não desistiu, era teimoso e contava com o apoio de sua esposa. Neste mesmo período Nativo perde seu pai.

No começo dos anos 80 juntamente com Adão Rosa e outros companheiros começa a participar mais ativamente da luta.

Nativo colaborou na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em Goiás, e das Conferências das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) que veio a ser o embrião da Central Única dos Trabalhadores (CUT), fundada três anos após o surgimento do PT e tendo Nativo no seu quadro de dirigentes em Goiás. Nativo não deixava de lado seu trabalho como lavrador e pedreiro, o qual dava o sustento para sua família, uma vez que o trabalho de militante era voluntário. Sentindo a necessidade de ajudar na renda da família, sua esposa começa a trabalhar no corte de cana. Nesta época conhece Vicentinho, Pedro Wilson, entre outras pessoas que mais tarde se destacariam e dentre eles o mais conhecido e influente foi “Luiz Inácio Lula da Silva” (Lula) hoje, presidente da República.

Em 1981 Nativo e Adão Rosa lançam novamente Chapa de oposição na eleição Sindical, desta vez com uma organização melhor e com um trabalho bem feito conseguem o triunfo, uma vitória do trabalhador para o trabalhador. Na posse o sindicato é tomado por seus amigos e companheiros, familiares e simpatizantes numa festa que virou a noite. As pessoas detentoras de

prestígio e poder da cidade bem como os usineiros se vêem enfraquecidos, começam as perseguições, com o objetivo de desestimular o líder e enfraquecer o movimento.

Em 1982 Nativo organiza a mudança de seu mais novo amigo e companheiro Martinho - de Mossâmedes para Carmo do rio Verde-. Também articulou a visita de “Lula” a Carmo nesta mesma época.

A ascensão de Nativo no movimento sindical bem como sua influência junto aos trabalhadores (as) passou a incomodar os poderosos da cidade e região que começaram a ameaçá-lo, todavia ele não se intimidava. Com as ameaças seus amigos passaram a tomar certos cuidados não o deixando sozinho e escondendo-o por um tempo.

No início do ano de 1985 chega novamente às eleições sindicais, a chapa composta por Nativo, Adão Rosa e Martinho concorre a reeleição contra o Sr João Olaia que era apoiado pelos fazendeiros, o mesmo derrotado na eleição anterior. Tudo transcorreu normalmente sem nenhum incidente. Na apuração dos resultados a Chapa de Nativo vence por uma maioria esmagadora, na proporção de quase 70%. Confirmava ali o nascimento de um líder que sonhara um mundo onde não tinham oprimidos e nem opressores. Foi a gota d’água para os poderosos que se viram derrotados, já que apoiavam expressamente a outra chapa. Nativo e Adão também compunham e cantavam músicas de libertação, e uma delas dizia: “Trabalhadores que labutam lá no campo/ trabalhadores que pelem na

cidade/ vamos todos fazer um grande movimento/ pra lutando conseguimos liberdade” (bis).

A nova posse aconteceu em junho de 1985. À partir de então juntamente com seus amigos continuam o trabalho e passa a ser exemplo para os companheiros de outras cidades onde formavam oposição e pretendiam o mesmo feito. Nativo participa decisivamente das eleições sindicais de Jussara, a chapa que apoiara também conseguiu tomar o sindicato dos “Pelegos”.

Tudo se acalma, Nativo muda seu comportamento, parecia que já sabia do seu desfecho, não tinha mais ameaças, calmo, muito calmo, calmo demais e depois da calmaria veio a tempestade.

No dia 23 de outubro de 1985 por volta das 19h30min chega o fim de um sonho chamado Nativo, um sonho sonhado por muitos. Nativo é fuzilado com 5 tiros a queima roupa dentro de um fusca na frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carmo do Rio Verde, sem chances de se defender. Nativo naquele instante estava só. Quando chegaram já era tarde, não tinha mais volta. Nativo que lutara tanto, naquele momento ficou indefeso sem forças para reagir. Seu sangue foi derramado e servirá de adubo para os que sonham e lutam por um mundo melhor.

“A morte deste rapaz abalou o mundo inteiro, telegramas da França e da Itália foram os que chegaram primeiro”, “No dia de seu enterro até mesmo o céu se escureceu caindo lágrimas de tristeza por um querido filho de Deus”. (Pedro Tierra).

Por Eduardo Rodrigues de Oliveira,  
25 de Maio de 2009.

#### HISTORICO DO CASO

Data do Martírio- 23/10/1985 Horário- 19:30

Idade- 32 anos.

Local- Frente à sede do Sindicato, dentro de seu Wolskswagen, sendo alvejado de queima-roupa por 5 disparos de arma de fogo calibre 38 .

Pessoas envolvidas:

Autoria:

Mandantes- acusados: Roberto Pascoal Liégio- Prefeito de Carmo do Rio Verde, Geraldo Oliveira dos Reis- Assessor jurídico da Prefeitura de Carmo do Rio Verde e Presidente do Sindicato Rural (Patronal), Genésio Pereira da Silva Fazendeiro de Uruana.

Pistoleiros: Francisco Diogo de Oliveira (Nenêm) (autor dos disparos) e João José de Magalhães.

Valor pago aos pistoleiros CR\$ 7 “milhões” de cruzeiros ou seja mais ou menos o equivalente a 3 salários mínimos atuais.

Situação do caso:

26/08/1996- julgamento em foro privilegiado do Prefeito Roberto Paschoal Liégio.

**Veredicto**- absolvido

19/09/1996- Julgamento dos Réus: Geraldo O. Reis e Genésio P. Silva no Tribunal do Júri de Goiânia.

Veredicto- Condenados a 13 anos de reclusão em regime fechado. Obs. Recorreu da sentença e aguarda desde então em liberdade.

26/10/2001- Defesa de Geraldo dos Reis entra com pedido de revisão criminal;

29/05/2003- TJ decide que sejam ouvidas mais quatro testemunhas no caso

2/03/2005- O TJ decide anular o julgamento do Tribunal do Júri de Goiânia devendo haver novo julgamento para Geraldo dos Reis.

### **SEBASTIÃO ROSA DA PAZ**

Lavrador, 54 anos, casado com: Isaura de Souza Paz, pai de 8 filhos, residente em Uruaçu, agente pastoral de Ceps, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruaçu-Go ( defensor dos direitos dos trabalhadores).

Data do Martírio- 28/08/1984 – Horário- 20:00

Local- Dentro de sua casa, junto da mulher e da filha.

Obs. No momento do crime a cidade estava toda sem energia o que facilitou a fuga.

Autoria: Mandantes: acusado- Ireno de Oliveira Nunes, Vadjou Quintino Moreira e José Alves de Oliveira;

Pistoleiros executores: Advir José Faria (Fião), outro não identificado. Um ano após o assassinato de Tião da Paz e nenhuma pessoa foi presa, nem mandantes e nem o pistoleiro executor do crime. Somente em 24/09/1985 é que o Delegado pede a prisão preventiva dos acusados. A morosidade da Justiça permitiu a fuga do pistoleiro e contribuiu para que o crime não fosse esclarecido (Cfr. fls.172, Autos criminal).

Obs.O pistoleiro que assassinou Sebastião Rosa da Paz fugiu e os “mandantes”, em dezembro de 1987 deram seu último depoimento no processo e em 11 de novembro de 1991 esses “mandantes” foram descaracterizados de tal condição, ficando de fora do pedido de Pronúncia (Fls. 213 a 218 e 241 a 242, dos Autos do Processo Criminal anexo).

#### Solicitação de anistia

Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça, a Requerente, sra. Isaura de Souza Paz (viúva), entende que está amargando até os dias de hoje a ausência de seu companheiro Sebastião Rosa da Paz e a perda de seu emprego junto ao Município de Uruaçu.

A Requerente entende que a morte de Tião da Paz foi política e que sua demissão também. Por isso, acreditando que a Justiça se fará ratifica o pedido de Pensão, nos termos da Lei da Anistia. Obs. (trata-se de recurso interposto, uma vez que em primeiro julgamento foi negado).

Nestes termos

Pede deferimento.

Goiânia, 22 de dezembro de 2005.

Luismar Ribeiro Pinto

OAB-GO 17.653

**VILMAR DE CASTRO**

Agente de Pastoral, membro da Coordenação Ampliada da CPT, membro do CEBI e Professor da Escola

Municipal rural de Caçu, 26 anos e morador do mesmo Município.

Data do Martírio- 23/10/1986- Horário- 07:00

Local- Go 306, no Km 13 (Trecho que percorria todos os dias pela manhã a caminho da Escola).

Causa da Morte - o corpo estava com profunda perfuração na cabeça e mancha arroxeadada no olho esquerdo 1º laudo foi assinado pelo Dr. José Luiz da Silva

Em 24/10/86 2º laudo realizado em Goiânia – acusaram duas perfurações profundas do lado direito do crânio duas costelas quebradas e ombro deslocado.

Suposto acusados: Abel Barbosa Guimarães ex prefeito de caçu membro da UDR, que fora constituída faziam 3 meses na Cidade de Caçu. Varias famílias acusam a família Domingos Teixeira.

**Situação do caso** - Em 24 de outubro de 1986, o Delegado Laudair José de Sousa, de Caçu não quis ouvir as pessoas que se ofereceram para depor sobre as ameaças sofridas por Vilmar. Em 28 de outubro as testemunhas depõem: todas afirmam que ouviram do próprio Vilmar que ele estava sendo ameaçado de morte. Inclusive pede amigos que entregue uma camisa azul a uma amiga caso ele morresse,

Por ordem do secretario de segurança publica Idelfonso Cardoso, Laudair passa o caso ao delegado regional de Rio Verde Jarí da Silva.

#### **PE. JOSIMO TAVARES**

Religioso, foi ordenado Padre em janeiro de 1979, na cidade de Xambioá, e desde 1983 trabalhava na

região do Bico do Papagaio. Era Vigário da Paróquia de São Sebastião do Tocantins; Coordenador da CPT da região do Bico do Papagaio e membro do Conselho da CPT Araguaia/Tocantins; morador do Município de São Sebastião do Tocantins. Filho de Dona Olinda Tavares.

Data do martírio- 10/05/1986 - Horário- 12:15

Local- Sede da CPT em Imperatriz-Ma, no 8º degrau da escada que dava acesso à sala;

Causa da Morte- alvejado pelas costas por um tiro de pistola calibre 7.65 que atingiu primeiramente um rim e após percorreu o fígado, perfurou o pulmão e saiu no peito entre duas costelas. Morreu no Hospital, na sala de cirurgia.

Grande defensor da causa dos posseiros perseguidos pelos grileiros e latifundiários.

Autoria:

Mandantes – acusado: Osmar Teodoro da Silva (Vereador pelo PMDB em São Sebastião), Vilson Nunes Cardoso e Arlindo Gomes da Silva.

Autor - Geraldo Rodrigues da Costa.

Providências Jurídicas: As primeiras providências no sentido de apurar o nome dos assassinos de Josimo, por determinação do Presidente José Sarney, foram acompanhadas pelo diretor do Departamento geral da Polícia federal, Romeu Tuma, que chegou a Imperatriz no dia 13 de maio de 1986. Os nomes dos mandantes e do pistoleiro foram anunciados dia 16 de maio pelo Coronel Silva Júnior, Secretário de Segurança Pública do Maranhão.

Obs. Os pistoleiros foram contratados por CR\$ 50 mil, porém receberam apenas CR\$ 10 mil.

Situação Jurídica-?

## **PE. FRANCISCO CAVAZUTTI**

Nascido em Cibeno de Capri (Itália) em 1934 e ordenado sacerdote em 1958. Padre Francisco Cavazzuti durante vários anos foi assistente de jovens da Ação Católica capelão do trabalho, sempre atento às problemáticas sociais e ao anúncio do Evangelho aos mais pobres e nas situações de maior dificuldade. Essa sensibilidade, depois de dez anos de ministério na diocese de Capri, o trouxe para o Brasil como sacerdote “Fidei Donum”, na diocese de Goiás, no ano de 1969. Durante os primeiros nove anos trabalhou em Jussara, Santa Fé e Britânia. Em 1978, foi nomeado Pároco de Sanclerlândia e Mossâmedes.

Em 1972 a sua luta em favor dos pobres e sem terra, quase lhe acarretou a expulsão do país acusado de fomentar idéias revolucionárias pelo Governador Leonino Caiado.

No dia 27 de agosto de 1987, depois de uma vigília de oração em louvor ao Divino Espírito Santo, em um povoado da Paróquia de Mossâmedes (Mirandópolis), recebeu um tiro de espingarda calibre 12 no rosto, pela mão armada de um jovem e, como consequência perdeu completamente a visão. Mesmo depois do atentado, excluídos breves períodos de permanência na sua cidade de Capri, ele continuou presente no meio do seu povo anunciando e testemunhando o Evangelho.

O caso:

28/08/87- Secretário de Segurança Ronaldo Jayme, envia equipe de policiais para investigações e afirma que o

mandante pode ser fazendeiro, pois o Padre sempre insufla os Lavradores para invadirem terra.

-Cartas de várias Dioceses reage as afirmações do Secretário de Segurança e acusam a UDR.

-Dom Tomás e Dom Antonio Ribeiro afirma que o crime foi premeditado, pois alguém entrou antes no hospital de Mossâmedes indagando se havia dado entrada um morto ou atingido por disparos.

31/08/87- Dois suspeitos rondam o Hospital Santa Mônica onde Padre Francisco está internado. A segurança é reforçada;

05/09/87- O pistoleiro Marcelino Antonio de 29 anos, é preso em Goiânia e confessa ter atirado no Padre Chico;

-Padre Chicão é transferido para Hospital São Camilo em São paulo;

### **SUSPEITOS:**

19/09/87- O Prefeito Onilton Lagares de Farias, 41 anos e4 o Vereador Eurípedes Ferreira Gomes, 39 anos depõem no DEIC e negam envolvimento no crime;

-Outro suspeito é o advogado Sebastião Miranda15/01/88- Padre Francisco retorna da Itália para rever as Comunidades, sendo recebido com muito entusiasmo.

Neste mesmo dia Pe. Francisco perdoa publicamente o pistoleiro Marcelino e acusa a UDR como incentivadora da violência no campo;

-Dom Antonio diz “que este fato sirva de exemplo para que as autoridades tomem atitudes para coibir a ação dos pistoleiros no interior do Estado”;

26/02/88- Padre Francisco regressa a Itália onde fará um treinamento para cegos .

### **LUIZ ANTÔNIO ÓRIO**

Agente de Pastoral, nasceu em 07 de abril de 1955 na cidade de Rondinha/RS, filho de Ana Ório e Luiz Ório. Aos 13 anos entrou para o seminário onde ficou até 1982, quando veio para Goiás.

Na Diocese de Goiás morou por dois meses na cidade de Uruana, depois foi para Itaberaí, atuando nas Comunidades Eclesiais de Base e como voluntário da CPT. Deixou o seminário e casou-se com Eleuza Ório, com quem teve dois filhos, Juliana e Mateus. Desde 1986 trabalhou na CPT Regional Goiás, idealizou vários projetos, como a equipe ampliada e equipes municipais da CPT, foi coordenador por dois mandatos. Sempre esteve junto aos trabalhadores na luta pela conquista e permanência na terra. Luis faleceu no dia 10 de dezembro de 2002 num acidente automobilístico na GO 070 quando retornava para sua casa, próximo a Itaberaí. Sua vida dedicada a CPT e as CEB's deixaram marcas importantes para a luta dos povos da terra.

### **TARCÍSIO SATIL DE MEDEIROS**

Lavrador, 45 anos, casado e pai de cinco filhos. Em 1974 chegou com a família a fazenda Boa Esperança,

em Itaberaí, onde estabeleceu um contrato com o dono, Antônio Inácio da Costa, para tocar lavoura.

Após um ano de contrato o fazendeiro quis rescindir o contrato. Tarcisio não aceitou e recorreu à Justiça de Itaberaí, através de uma ação indenizatória. Apesar das garantias asseguradas pelo contrato de parceria, o juiz deu ganho de causa ao fazendeiro, mas não determinou o despejo de Tarcisio, que continuou morando na fazenda, Cultivando arroz, milho e feijão. Tarcisio, com um grupo de lavradores, fazia parte da comunidade Santa Rita. No dia 10 de março de 1983, Tarcisio foi conversar com o fazendeiro sobre acertos trabalhistas, e foi assassinado.

Data do martírio: 10 de março de 1983

Local: Fazenda Boa Esperança, Itaberaí.

Causa: alvejado com três tiros a queima-roupa.

Autor: suspeito: Antônio Inácio da Costa

### **ALONSO ALEIXO DA SILVA**

Trabalhador rural, casado e pai de seis filhos, morava no bairro Santo Antônio, em Itaberaí. Trabalhava para Benedito Parreira, ao cobrar uma dívida de Cr\$ 17.000,00 para pagar remédios, foi assassinado.

Data do martírio: 15 de maio de 1983

Local: Mata do Pará, Itaberaí.

Causa: alvejado por com um tiro no peito.

Autor: Benedito Pereira

Situação do caso: O assassino dói preso, e solto após dois meses.

### **BENEDITO FERRAZ DA SILVA**

Lavrador, morador de Petrolina de Goiás, trabalhou para o fazendeiro José Andrade Rezende. No dia 11 de agosto de 1982 ele iria a FETAEG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás – em Goiânia, para encaminhar documentos a fim de mover uma ação de indenização por perdas e danos contra o fazendeiro. Foi portado pelo filho de José Rezende na BR-080, quando esperava o ônibus.

Data do martírio: 11 de agosto de 1982

Local: Petrolina do Goiás

Causa: alvejado com um tiro na cabeça

Mandante: José Andrade Rezende

Executor: Roberto Andrade Rezende

Situação do caso: Foi aberto inquérito pelo delegado da cidade, que ouviu a principal testemunha, o irmão da vítima. Quando o juiz decretou prisão preventiva, nem Roberto nem o pai estavam na cidade.

### **FLORIANO CARDOSO DA SILVA**

Floriano Cardoso dos Santos, foi assassinado no dia 31/01/06, estavam participando de um encontro no Assentamento onde vivia no horário do almoço enquanto comia e conversa recebeu o primeiro tiro pelas costas a queima roupa, deixou o prato cair e correu para junto do povo, antes de estar protegido recebeu mais dois tiros pelas costas caindo no chão já sem vida, sendo este o segundo atentado contra sua vida onde no primeiro atentado sua esposa recebeu o tiro preparado para Floriano ficando viúvo pai de cinco filhos se tornou o pai e mãe de seus filhos pequenos, um homem correto e

justo que esteve presente na caminhada da CPT nas reuniões Ampliadas, ajudando a refletir as linhas de ações e os rumos que melhor atendiam os camponeses e camponesas do Estado de Goiás, misturava seus anseios com a utopia da luta pela terra e na terra, um homem forte obstinado com desejos claros. Floriano partiu desta vida de uma forma inesperada, violenta, onde deixou seu sangue regar a terra, que é palco de sustentação de muitas vidas, Seu sangue regou os sonhos de muitos que prossegue na caminhada, deixando florescer os sonhos, liberdade, ideais, o desejo de continuar sempre, misturando flores nos meios dos espinhos, espalhando encanto de uma árdua batalha. Calaram a voz de Floriano, mas seu sangue grita nos teus filhos e filhas que crescem, nos amigos que não te esquecem, na luta pela vida pela terra, na construção de um outro mundo possível para todos e todas.

### **Proposta de Celebração dos Mártires**

- **Ambiente:** Preparar o Ambiente com antecedência, trazer para o centro do local onde for celebrar sementes, água, terra, e a bíblia, vela, fotos dos mártires;

- Vamos iniciar respirando: sentir o ar entrar pelas narinas encher nossos pulmões, e soltar o ar lentamente pela boca ( 3 X )

- **Partilha da vida:**

Poderemos iniciar nossa conversa lembrando:

- Nomes,
- História de vida, sinais das lutas dos nossos mártires;

(deixar que o povo faça uma boa conversa)

- **Canto:** Venham todos cantemos um canto nasce da terra... ou Mataram mais um irmão...

- **Iluminação Bíblica:** Jeremias 1, 17-19

- O que do texto eu trago como sinal, marca, palavras fortes;
- O que aparece como iluminação na realidade hoje e na vida?

-**Vamos fazer silêncio:** (providenciar tecido, ou papel manilha, pincel atômico, tinta guache).

Neste momento colocar um **tecido branco** onde cada um e cada uma é convidado a colocar as marcas do martírio, ou nomes dos mártires.

- **Roda de mãos dadas:** uma palavra boa da vida; inspirada no sangue dos mártires misturados com a terra e o verde, em seguida rezar juntos, PAI NOSSO.
- **Encerrar com abraço bem dado;**

- **Partilha de alimentos: momentos de festa da vida;**

AMEAÇADOS, PERSEGUIDOS, DIFAMADOS.

Aconteceu que uma lágrima dissidente empurrou o vazio sobre à tarde.

Foi Sempre assim. Desde a vertente.

Um fio azul e um poço de silêncio,

Todas as letras abertas de todos os nomes tecendo os  
argumentos da esperança,  
com odor insurgente de aleluias.

São como inventário de sementes, colecionadas no  
pesado corporal da história, em complemento ao  
milagre.

Anteriores a mim e aos outros, finge-se de flor rente a  
correnteza.

Anteriores aos pássaros e seus ofícios.

Anteriores a fonte e a todos os outonos.

Aí a memória subversiva fomenta outras utopias:  
homens e mulheres que continuam ameaçados,  
perseguidos e difamados.

Amassando o seu pão com incêndio e chuva, no meio do  
crepúsculo.

Brotando o trigo do grão que fenece.

Corajosamente.

Lendo novamente os nomes dos filhos e filhas da terra  
nos abraçamos com amor

Todos e todas que esperam, denunciando as concepções  
do ódio com as palavras definitivas do  
amor.

Jelson Oliveira

#### Bibliografia

SOBRINO, Jon, Espiritualidade da Libertação, edições  
Loyola, SP, 1992;

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra,  
Assassinatos no Campo (crime e impunidade), Pesquisa:

LEME, Maria Cristina Vanucchi, PIETRAFESA, Wânia Maria  
de Araújo; Global editora, 2ª edição, SP 1987.

[http://books.google.com.br/books?id=COS73Hw6LGUC&pg=PA107&lpg=PA108&ots=pkSc\\_LV78E&dq=a+espiritualidade+do+mart+rio#PPA101,M1](http://books.google.com.br/books?id=COS73Hw6LGUC&pg=PA107&lpg=PA108&ots=pkSc_LV78E&dq=a+espiritualidade+do+mart+rio#PPA101,M1)

O Popular-caso nativo da Natividade (p.6-24/10/86);  
(p.10-17/-8/96); ( p. 8, 24/05/2005);

O Popular - Caso Rosa da Paz- 31/07/85; 27/10/85

Chão e Roça (Fetaeg)-No I n.5

VERSO DA CAPA - Final

EQUIPE ORGANIZADORA DO SUBSÍDIO:

ADERSON LIBERATO GOUVEA  
ANTONIO ALMEIDA (BAIANO)  
SAULO REIS

ROTEIRO CELEBRATIVO:

LUCIMONE OLIVEIRA

COLABORADORES:

EDUARDO RODRIGUES DE OLIVEIRA (biografia de Nativo)

JOSÉ GOMES NETO

PRODUÇÃO:

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - REGIONAL GOIÁS



*"Os poderosos podem matar uma, duas ou  
três rosas, mas jamais conseguirão  
deter a primavera inteira."*

*Ché Guevara*

REALIZAÇÃO:



COMISSÃO  
PASTORAL  
DA TERRA

1978-2008